

Contraproposta em discussão

por Getulio Bittencourt
de Nova York

O comitê assessor de bancos apresentou a sua contra proposta para renegociar a dívida de cerca de US\$ 50 bilhões ao negociador-chefe do Brasil, Pedro Malan, na tarde de sexta-feira. Tanto Malan como um integrante do comitê confirmaram a este jornal que "a arquitetura dessa contra proposta" segue de perto a da proposta brasileira.

"Agora vamos estudar a contra proposta, a negociação é um processo contínuo", limitou-se a comentar Malan. Um banqueiro do comitê afirmou a este jornal que os bancos, na contra proposta, foram sensíveis "às dificuldades temporárias" do País, uma provável menção ao fato de

que seguiram, com números mais elevados, a mesma proporção da proposta brasileira, que prevê pagamentos menores nos primeiros seis anos.

Circulava pelo mercado na sexta-feira a noção de que a contra proposta é diferente da versão brasileira pelo menos num aspecto: ela inclui um conjunto de alternativas para o País. Por exemplo, se o Brasil quer uma taxa de juros inicial muito baixa para um certo papel, em troca os bancos querem que títulos do acordo de 1988, como o PFA e o New Money Trade, sejam conversíveis ao par num programa de conversão de dívida por investimentos ao longo de três anos.

Também passa pelo mercado a idéia de que os bancos pediram juros mais altos: os

bônus de redução temporária de juro (TIRB-1 e TIRB-2) sugeridos pelo país começariam com juros de cerca de 4% nos anos 1 e 2, em vez de 2,5% como sugeria a proposta inicial de Malan, que previa ainda pagamentos de 3,75% nos anos 3 e 4, e de 5% nos anos 5 e 6.

Além disso, os banqueiros pediram um juro fixo acima de 5% para o Par Bond (Bônus Par) em vez dos 4,8% sugeridos por Malan. O comitê estaria ainda dividido há alguns dias entre aceitar a proposta de um desconto de 37,5% no principal da dívida para o "discount bond", ou de propor apenas 35% como obteve o México. Não se sabe quem prevaleceu. Nem o banqueiro ouvido por este jornal nem Malan quiseram comentar.